

General denuncia "farsa ianomâmi"

Existência posta em dúvida

□ Por José Nêumanne

Em relação à Amazônia, não há meio termo: ou é o pulmão do mundo, onde vivem populações primitivas, os "povos da floresta", que precisam ser preservados, ou apenas um imenso território a ser explorado, e o mais rapidamente possível ocupado, por despertar a cobiça estrangeira. Ambas as posições são extremadas e não admitem nuances. Entre ecologistas e nacionalistas as leis que vigoram limitam-se a duas: inimigo de meu inimigo meu amigo é e quem não está comigo está contra mim.

Oficial-general do Exército brasileiro, ex-secretário de Segurança de Roraima, Carlos Alberto Lima Menna Barreto manteve nessa guerra posição bem nítida e definida, até mesmo pela simples enunciação de seu currículo. Quem lê seu livro *A Farsa Ianomâmi* não tem, por isso, nenhum direito de esperar alguma concessão ao politicamente correto. O texto é um indignado manifesto nacionalista, no qual o autor denuncia os "interesses alienígenas" por trás da concessão de 94.191 quilômetros quadrados (equivalente à área do Estado de Santa Catarina e três vezes à da Bélgica) à reserva ianomâmi.

Da narrativa de sua própria vivência em Roraima, como comandante militar e secretário de Segurança, e da citação de autores respeitados, que visitaram a região e mantiveram contato com sua gente, o autor chegou a uma conclusão bombástica: não existe nenhuma tribo ianomâmi. Esse povo primitivo da floresta seria o protagonista coletivo de uma fantasia engendrada pela fotógrafa americana Cláudia Andujar e engolida, por torpes motivos oportunistas, por ecologistas internacionais e indigenistas brasileiros. O objetivo da farsa seria alienar um enclave importante do amplo território brasileiro para permitir o objetivo final da internacionalização da Amazônia.


Mesmo que não se aceite a palavra do general como definitiva, é preciso reconhecer, no mínimo, uma dúvida razoável a respeito do assunto. Se lhe falta legitimidade de antropólogo, a mesma não sobra na fotografia americana, cujo conhecimento e cuja vivência na região autorizam menos a conclusão de que os ianomâmis existem do que a hipótese oposta, defendida no livro.

Tal hipótese, adotada pelo denunciante, se dilui na seqüência — em prosa mais elegante do que seria lícito esperar de um soldado que se arrisca às escaramuças do vernáculo — de arrazoados históricos e ideológicos que pouco ajudam a dirimir as enormes dúvidas surgidas a respeito.

No entanto, a cortina de fumaça da mistificação do lado oposto da trincheira é tão espessa que o leitor imparcial é tentado a acreditar mais na sentença de nulidade do militar brasileiro do que na descoberta antropológica da fotógrafa americana. Aquela, no mínimo, serve para denunciar a areia movediça antropológica sobre a qual trafega a militância ecológica mundial. Fica, de qualquer forma, a questão no ar: serão os ianomâmis um povo autóctone ou uma farsa exógena? Com a palavra os antropólogos com argumentos, infelizmente até hoje não apresentados ao público.

□ A FARSA IANOMÂMI, de Carlos Alberto Lima Menna Barreto. Biblioteca do Exército-Editora, 216 págs., R\$ 14,00.

José Nêumanne, jornalista e escritor, é editorialista do Jornal da Tarde

INSTITUTO	
	
Documentação	
Fonte	JT cad. sub.
Data	14/12/96 Pg 6
Class.	430